

Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR

 **Atena**
Editora
Ano 2021

*Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom
(Organizadoras)*

TERRA
INDÍGENA

CADÊ PINDORAMA?
ROUBARAM SEU CHÃO,
EXPULSARAM OS PARENTES, FALTA O PÃO,
RASGARAM A TERRA, QUEIMARAM A MATA,
DO INVASOR A LEI DA CHIBATA,
O AMARELO FOI EMBORA,
LEVADO EM NAVIOS,
DA MADEIRA BRASEADA
FICOU SÓ O BRASIL,
O VERMELHO É DE
SANGUE,
DO CORPO
QUE MANCHA
O MANGUE

2



Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR

Atena
Editora
Ano 2021

*Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom
(Organizadoras)*

TERRA
INDÍGENA

CADÊ PINDORAMA?

ROUBARAM SEU CHÃO,

EXPULSARAM OS PARENTES, FALTA O PÃO,
RASGARAM A TERRA, QUEIMARAM A MATA,

DO INVASOR A LEI DA CHIBATA,

O AMARELO FOI EMBORA,

LEVADO EM NAVIOS,

DA MADEIRA BRASEADA

FICOU SÓ O BRASIL,

O VERMELHO É DE

SANGUE,

DO CORPO

QUE MANCHA

O MANGUE

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar 2

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadoras: Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar 2 / Organizadoras Adriana Regina Vettorazzi Schmitt, Jacinta Lúcia Rizzi Marcom. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-502-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.027212209>

1. Educação. I. Schmitt, Adriana Regina Vettorazzi (Organizadora). II. Marcom, Jacinta Lúcia Rizzi (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea de textos *Questões sociais e Educação: Diálogos Convergentes e Articulação Interdisciplinar*, reúne artigos que são resultados de pesquisas empíricas, revisão de literatura, relatos de experiências e ensaios teóricos. São trabalhos carregados de histórias, cultura, lutas hegemônicas, saberes populares, reflexos das vivências e experiências, e da práxis de homens e mulheres em ação frente às demandas da contemporaneidade. Cada texto, com sua originalidade e especificidade, representa as pessoas do Brasil de norte a sul, que compreendem que a Educação é uma ferramenta poderosa de emancipação para todos(as), em especial para mulheres em vulnerabilidade social, o registro dessas vozes femininas estão no (Cap. I).

Infelizmente muitas mulheres ainda são vítimas da colonialidade, da crueldade, da violência e do machismo. Por isso, compartilhe com as mulheres e as meninas de sua vida os conhecimentos disponíveis em: “É Necessário dar voz às vítimas de Femicídio” (Cap. I) e “Femicídio: uma trajetória de violência (Cap. II).

A luta das mulheres pelo direito à igualdade de condições com os homens é antiga, emergente e atual, veja “Percurso da feminilidade” no (Cap. III).

É sabido que as mulheres negras estão expostas à múltiplas violências, além de gênero: a violência de raça marcada pela discriminação, resultado do neocolonialismo brasileiro. Frente a isso, vale registrar a história da “Escarlatação de Mulheres Negras no Brasil” (Cap. IV) como símbolo de resistência.

Ainda sob este enfoque, para enriquecer esta obra, destacamos “O movimento negro brasileiro” (Cap. V).

Através do filme “JENNIFER” (Cap. VI) e suas narrativas, conheça “A construção da branquitude na sociedade da aprendizagem” e sua relação com o artigo sobre os “Estereótipos de Beleza Pura” no (Cap. VII).

Vivemos tempos difíceis, de destruição das florestas e das culturas antropológicas e sociais indígenas. O artigo sobre a etnografia de estudantes indígenas sob o olhar da pedagogia mostra que é preciso aprender a cultura para preservar, “A Etnografia e os aspectos da escolarização de alunos indígenas em escolas urbanas de Imperatriz” (Cap. VIII).

O (Cap. IX) destaca o ensino da educação de gênero no ensino básico, para a construção de uma sociedade combativa frente à violência de gênero e à discriminação de mulheres em Garanhuns, cidade do agreste pernambucano.

É possível Construir uma Sociedade Justa Baseada no Conhecimento? Veja o que diz a literatura “Sobre o desafio de construir uma sociedade justa baseada no conhecimento” (Cap. X).

Sobre essa e outras dúvidas, as contribuições sobre a Ética e os Direitos Humanos com algumas ideias de Paulo Freire (Cap. XI) contribuem para uma nova ressignificação

de pensamentos e atitudes.

As cotas na educação são um meio de equidade e justiça social através de políticas públicas, conforme os apontamentos sobre a “Avaliação de cotistas e não cotistas” no (Cap. XII).

O (Cap. XIII) “Educação em saúde no timor leste” aborda o ensino e aprendizagem através de novas metodologias ativas que buscam fomentar o protagonismo dos sujeitos para atuar na Educação em Saúde, a partir do uso da Metodologia da Problematização no Timor Leste.

Voltando ao Brasil, apresenta-se o estudo “A aventura de criação das mídias educativas da reflexão à prática dos princípios da economia solidária” (Cap. XIV).

No (Cap. XV) apresenta-se um estudo avaliativo sobre o papel do Poder Legislativo de Minas Gerais no cumprimento dos deveres quanto à aplicação das políticas públicas de educação.

Representações espaciais de Brasília na literatura (Cap. XVI) faz uma viagem interessante na cultura e espaço da capital brasileira, pontuando as desigualdades sociais.

E por fim, nada mais pertinente nos dias atuais do que conhecermos sobre o ambiente e a saúde do planeta, e as Influências Humanas na emissão de gases de efeito estufa (Cap. XVII), os autores acreditam que “os desafios ambientais vivenciados na atualidade ainda podem ser contornados” (p. 10).

Tomadas dessa mesma esperança, em tempos de cuidado e preservação da saúde e da natureza, em tempos de promoção da paz, da igualdade e justiça social no mundo, que se inicia em cada um de nós.

Desejamos uma agradável leitura!

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

SUMÁRIO


II. QUESTÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO DIÁLOGOS CONVERGENTES E ARTICULAÇÃO INTERDISCIPLINAR

CAPÍTULO 1..... 1

É NECESSÁRIO DAR VOZ ÀS VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO: OUTROS CASOS, OUTROS LUGARES

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122091>


CAPÍTULO 2..... 6

FEMINICÍDIO: UMA TRAJETÓRIA DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Eliane Viana

Rômulo Tiago da Silva


Shirlei Alexandra Fetter

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122092>

CAPÍTULO 3..... 15

PERCURSOS DA FEMINILIDADE: IDENTIDADES FEMININAS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Raquel Lima Besnosik

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122093>


CAPÍTULO 4..... 26

ESCOLARIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL E O ESQUECIMENTO DE SUAS TRAJETÓRIAS

Ana Paula Copetti Bohrer

Lediane Pereira Ramos

Virgínia Fernandes Franz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122094>


CAPÍTULO 5..... 38

O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO COMO ATOR POLÍTICO-EDUCACIONAL: UM OLHAR PARA A LEI Nº 10.639/2003

Fausto Ricardo Silva Sousa

Herli de Sousa Carvalho

Salvador Tavares de Moura


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122095>


CAPÍTULO 6..... 49


A CONSTRUÇÃO DA BRANQUITUDE NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM: UMA LEITURA DA NARRATIVA FÍLMICA “JENNIFER”

Joice Mari Ferreira da Cruz

Maria Angélica Zubaran

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122096>

CAPÍTULO 7	59
“BELEZA PURA”: DESENROLANDO OS ESTEREÓTIPOS PARA UMA AUTENTICIDADE CRESPA	
Adelma Silva Costa Luiz Felipe Santos Perret Serpa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122097	
CAPÍTULO 8	69
A ETNOGRAFIA E OS ASPECTOS DA ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS INDÍGENAS EM ESCOLAS URBANAS DE IMPERATRIZ	
Adriano da Silva Borges Lucas Lucena Oliveira Witembergue Gomes Zapparoli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122098	
CAPÍTULO 9	83
ENSINO BÁSICO, ESPAÇO DEMOCRÁTICO DE DEBATE E INFORMAÇÃO PARA CRIAÇÃO DE ALTERNATIVAS CONTRA A VIOLÊNCIA E DISCRIMINAÇÃO DAS MULHERES EM GARANHUNS	
Débora Almeida Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122099	
CAPÍTULO 10	93
ESTUDO SOBRE O DESAFIO DE CONSTRUIR UMA SOCIEDADE JUSTA BASEADA NO CONHECIMENTO	
Alvani Bomfim de Sousa Junior Marcela Santos de Almeida Sidney Barreto Batista	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220910	
CAPÍTULO 11	102
ÉTICA E DIREITOS HUMANOS: APROXIMAÇÕES COM ALGUMAS IDEIAS DE PAULO FREIRE	
Maria Sandra Montenegro Silva Leão Isabele Louise Monteiro de Farias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220911	
CAPÍTULO 12	112
AVALIAÇÃO DE COTISTAS E NÃO COTISTAS: UMA ANÁLISE DO DESEMPENHO ACADÊMICO E DA EVASÃO EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO	
Amália Borges Dario Rogério da Silva Nunes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220912	

CAPÍTULO 13	127
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO TIMOR LESTE: UTILIZANDO A METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO PARA PENSAR A REALIDADE LOCAL	
Patricia Maria Forte Rauli	
Mario Antônio Sanches	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220913	
CAPÍTULO 14	135
A AVENTURA DE CRIAÇÃO DAS MÍDIAS EDUCATIVAS ‘DA REFLEXÃO À PRÁTICA DOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA’	
Tatiana Losano de Abreu	
Alysson André Régis Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220914	
CAPÍTULO 15	154
DIREITO À EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS: UM PANORAMA ESTATÍSTICO E LEGISLATIVO	
André Dell’Isola Denardi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220915	
CAPÍTULO 16	162
REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DE BRASÍLIA NA LITERATURA	
Juliano Rosa Gonçalves	
Marília Luiza Peluso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220916	
CAPÍTULO 17	182
MUDANÇAS CLIMÁTICAS E INFLUÊNCIAS HUMANAS NA EMISSÃO DE GASES DE EFEITO ESTUFA	
Terezinha Ribeiro Reis	
Cristina Maria Costa do Nascimento	
Raiane da Silva Rabelo	
Adriana Maria Pimentel do Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220917	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	191
ÍNDICE REMISSIVO	192

CAPÍTULO 7

“BELEZA PURA”: DESENROLANDO OS ESTEREÓTIPOS PARA UMA AUTENTICIDADE CRESPA

Data de aceite: 02/09/2021

Data de submissão: 18/06/2021

Adelma Silva Costa

Professora do município de Salvador
Secretaria Municipal de Educação
Salvador-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/1608244375381880>

Luiz Felipe Santos Perret Serpa

Prof. UNEB –Campus XXII –Irecê-BA
Universidade do Estado da Bahia
Salvador-Bahia
<http://lattes.cnpq.br/8653048277181000>

RESUMO: Esse artigo visa estudar os atos de criação linguística empregados em dois produtos da empresa Lola Cosmetics para cabelos da marca Creoula, uma máscara hidratante e um creme para pentear, considerando o uso linguístico e seus efeitos de sentido. A intenção é desmontar as construções linguísticas que (re) produzem simbolicamente ideologias imbuídas no cotidiano das pessoas e que influenciam seus modos de ser, agir e pensar a respeito de uma prática que teima em assinalar uma marca de diferença que desvaloriza o negro. O método utilizado será a análise dos termos, de modo discursivo, associando-os aos vários estereótipos depreciadores criados a partir de concepções históricas, desde o período escravocrata até a contemporaneidade. O texto é resultado de uma pesquisa contínua do emprego da linguagem midiática no que concerne à naturalização de um

olhar que só ajuda a reforçar as representações negativas do negro na sociedade consolidadas em séculos de escravização, resistência e sobrevivência.

PALAVRAS - CHAVE: Linguagem. Negro. Estereótipo. Propaganda.

“PURE BEAUTY”: UNROLLING STEREOTYPES FOR CURLY AUTHENTICITY

ABSTRACT: This article aims to study the linguistic creation events employed in two products by Lola Cosmetics for the hair brand Creoula, a moisturizing mask and a comb cream, considering the linguistic use and its sense effects. The main goal is to tear down the linguistic constructions that symbolically (re) produce ideologies inserted in people's daily routine and that persuade their ways of being, acting and thinking about a practice that insists on marking a mark of difference that devalues black people. The method used will be the analysis of the terms, in a discursive way, associating them with a variety of underestimate stereotypes created from historical conceptions, from the Slavery period to contemporaneity. The text is the result of a continuous research on the use of media language in terms of the naturalization of a view that only helps to reinforce the negative representations of black ones in a society consolidated in centuries of slavery, resistance and survival.

KEYWORDS: Language. Black People. Stereotype. Advertising.

INTRODUÇÃO

1 | “DEBAIXO DOS CARACÓIS DOS SEUS CABELOS”¹

Esse artigo visa analisar a linguagem utilizada em produtos cosméticos visando desnaturalizar o olhar, revelando os artifícios linguísticos (e discursivos) para influenciar determinados jeitos de ser, pensar e agir. Essa é só uma pequena parte de uma intenção maior que consiste em desmontar “a estupidez mediática” (LARROSA, 2014), a partir de textos que circulam em nossas rotinas e que nos “obrigam” a agir conforme o previsto em seus rótulos e recomendações para os seus modos de uso. O estabelecimento de estereótipos que esses textos impõem é forte e necessita de visibilidade. O método é flagrar as recorrências linguísticas que trazem uma ideologia racista ao mesmo tempo em que estabelecem um padrão de beleza – nesse caso específico, dos produtos de uma empresa que se propõe a vender cosméticos para cabelos crespos, de nome Lola. Há que se destacar, entretanto, nesse trabalho bem como em artigos futuros com a mesma intencionalidade, que, de modo algum, o objetivo é denunciar a empresa em questão. O que se quer é provar que a ideologia está encarnada em nossa rotina diária, ao usar palavras e ao demonstrar certos tipos de comportamento.

Os autores que fazem parte do diálogo são, especialmente, Duschatzky e Skliar (2001) e Larrosa (2014 e 2015) entre outros, que contribuíram para pensar o contexto contemporâneo e suas versões da alteridade bem como para entender os princípios de funcionamento do “código estúpido” (LARROSA, 2014). Alia-se a esses, leituras associadas para compor “a roupa”, visando lidar com a “linguagem estúpida”, com o “pensamento estúpido” (LARROSA, 2014), trazendo para a reflexão Ramos (1957), Sodré (2010) e Schwarcz (1998) entre outros que abordarão acerca dos tecidos importantes para compor a vestimenta necessária visando o enfrentamento aqui proposto.

Duschatzky e Skliar (2001) caracterizam esse contexto contemporâneo como marcado pelo “travestimento discursivo”, isto é, “Com a mesma rapidez na qual se sucedem as mudanças tecnológicas e econômicas, os discursos sociais se revestem com novas palavras, se disfarçam com véus democráticos e se acomodam sem conflitos às intenções dos enunciadores do momento” (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001, p. 119). Isso significa que pensar no outro, anunciar a “diversidade” é usar uma das três versões discursivas: “o outro como fonte de todo o mal”, “o outro como sujeito pleno de um grupo cultural” e “o outro como alguém a tolerar” (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001, p. 121).

Em meio a essas versões disseminadas, não basta, como destaca Larrosa (2014), acomodar-se em “pensamentos seguros e segurados”, mas é preciso “enfrentar sabendo que, nesse enfrentamento, nos enfrentamos a nós mesmos” (LARROSA, 2014, p. 137). Quando estereotipamos “o outro”, nos estereotipamos. Ao “desmontar” a produção, estamos nos desmontando para que sejamos escancarados em nossos pré-conceitos!

¹ Título da música composta por Roberto Carlos.

A seguir, abordaremos com maiores aprofundamentos esse fio aqui exibido, “debaixo dos caracóis” assegurando através de vários entrelaces que ainda há muito que se revelar...

Pois num primeiro momento, “trançaremos” com palavras que irão desbravar as versões discursivas fabricadas na modernidade e disseminadas na contemporaneidade. Num segundo momento, no mesmo item “Toda trama da trança”, apresentaremos o aporte teórico necessário para o enfrentamento deste “código estúpido” (LARROSA, 2014), explorando as representações negras trazidas pelas teorias raciais para o Brasil. A partir da seção “Seu jogo é sujo e eu não me encaixo”, trataremos das marcas linguísticas que trazem efeito de sentidos importantes para entender como os agentes sociais perpetuam os estereótipos, disfarçados com “véus democráticos” (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001). Por fim, fechamos com “Cabelo vem de dentro”, estimulando leitores e leitoras, consumistas que são das produções que circulam no cotidiano, a reciclarem o olhar, prestando atenção na “montagem” daqueles discursos bem como nas representações construídas por aquele que enuncia.

2 I “TODA TRAMA DA TRANÇA”²

Antes de “abrir o guarda-roupa” para procurar como se “aprumar”, visando enfrentar a linguagem “estúpida”, cabe uma reflexão sobre o cenário mundial contemporâneo, que possui elementos modernos que lhe acompanham, mas constrói características próprias que valem a pena revelar.

Esse contexto é caracterizado como um período em que se esvaem as grandes narrativas, seguras e confortáveis, que serviam para justificar a vida em sociedade. Tais narrativas davam conta de modelos de ser, de pensar, de agir. Produziam um modelo de sujeito pautado na imagem do europeu.

Com o cenário atual, caracterizado pela velocidade das transformações espaço-temporais, resultado do surgimento das Tecnologias da Informação e Comunicação, há uma imposição por “estar informado”, como destaca Larrosa (2015):

O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobretudo aquilo de que tem informação. Para nós, a opinião, como a informação, converteu-se em um imperativo. Em nossa arrogância, passamos a vida opinando sobre qualquer coisa sobre que nos sentimos informados. E se alguém não tem opinião, se não tem uma posição própria sobre o que se passa, se não tem um julgamento preparado sobre qualquer coisa que se lhe apresenta, sente-se em falso, como se lhe faltasse algo essencial. E pensa que tem de ter uma opinião. Depois da informação, vem a opinião. (LARROSA, 2015, p. 22).

2 Verso da música de Caetano Veloso intitulada “Beleza Pura”.

Tal obrigatoriedade de se informar e opinar confunde os leitores e leitoras, de modo que o olhar mais atento se esvai. A velocidade e a pressa determinam uma dificuldade de “o sujeito” entender o contexto e de se entender. “O sujeito racional, crítico, consciente, emancipado ou libertado” (SILVA, 2000, p. 13) se desmorona. Aquele “núcleo essencial de subjetividade” que poderia ser controlado, manipulado, entendido se perde com as certezas, seguranças que o contexto moderno apresentava sem problemas. Mesmo assim, continuamos fazendo referência ao outro ainda buscando a centralidade, numa espécie de resgate ao que já se espatifou.

Tentamos fugir desse contexto de “instabilidade discursiva”, em que termos e conceitos se confundem, são “intercambiáveis”, “sem custo nenhum para quem os assume, se apodera e governa as representações de determinados grupos sociais” (p. 119). A questão é:

Em que medida as retóricas da moda – como por exemplo aquelas que reivindicam as bondades do multiculturalismo, que pregam a tolerância e que estabelecem o início de um tempo de respeito aos outros – estão anunciando pensamentos de ruptura com relação às formas tradicionais em que a alteridade foi denominada e representada? (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001, p. 119).

A nossa ideia, por isso, é a mesma da proposta dos autores supracitados: “colocar em suspenso certas retóricas sobre a diversidade”, com a intenção de refletir acerca da estratégia contemporânea de tranquilizar “nossas consciências” ou trazer a ilusão de que a partir do uso de “palavras suaves” ou “eufemismos” (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001).

Os autores trazem três versões para se referir ao outro e que embasam os modos de dizer e pensar moderno (e por que não contemporâneo?). “O outro como fonte de todo mal”, tal como já foi mencionado, consiste em depositar nele (o outro) todos os males, nomeando-o como “portador de falhas sociais” (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001, p.124). Na educação, essa versão criou dicotomias e se esforçou para eliminar “o componente negativo”. “Os outros como sujeitos plenos de uma marca cultural” traduz-se por uma concepção das culturas como comunidades homogêneas em crenças e estilos. Embora pareçam “reconhecer” as culturas, o que há é um processo de oficialização dos “outros” (“alguns outros” e não “todos os outros”):

O multiculturalismo conservador abusa do termo diversidade para encobrir uma ideologia da assimilação. Assim, os grupos que compõem esse bálsamo tranquilizante, que é a cultura, são geralmente considerados como agregados ou como exemplos que matizam, que dão cor à cultura dominante. Entendido dessa forma, o multiculturalismo pode ser definido, simplesmente, como a autorização para que os outros continuem sendo esses outros porém em um espaço de legalidade, de oficialidade, uma convivência sem remédio. (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001, p. 130).

Na educação, a ressonância é o uso dessa versão sob três óticas: a folclórica, a deficitária e a da reivindicação pelo localismo, isto é, “cada qual segundo o cristal com que

se olha” (DUSCHATZKY e SKLIAR, 2001, p. 131).

A terceira versão, do “outro como alguém a tolerar”, significa mascarar uma indiferença, evitar o confronto, mas não defender a intolerância. Nós “somos tolerantes quando, a todo custo, evitamos contaminações, mesclas, disputas”. Tolerância é naturalização, segundo Duschatzky e Skliar (2001).

Em que medida essas “representações acerca da alteridade” são práticas culturais e discursivas que nos fazem “desmontar” o “pensamento estúpido” (LARROSA, 2014)?

Na próxima seção, explicaremos acerca do “pensamento estúpido” bem como trataremos, brevemente, da representação dos negros forjadas no passado e tão impactantes na sociedade atual.

2.1 “Agora vou mudar minha conduta”³

Antes de qualquer coisa, traremos a concepção de Larrosa (2014), ao citar Deleuze quando este faz referência às ideias de Nietzsche⁴:

Gilles Deleuze, seguindo a Nietzsche, também tinha dito bem claro: “O que se contrapõe ao pensamento é a estupidez” [...] O não pensamento, portanto, não seria a ausência de pensamento senão “uma estrutura do pensamento como tal”: algo que talvez poderíamos chamar de um pensamento estúpido. Esse pensamento estúpido, continua Deleuze, é uma tradução: a tradução ao pensamento “do reino dos valores mesquinhos ou do poder de uma grande ordem estabelecida”. [...] o pensamento estúpido não é coisa do passado, ou dos outros, ou dos que não sabem pensar, ou dos que pensam como nós, mas que é coisa nossa, que tem a ver conosco, que se deriva quase naturalmente, como uma secreção, da mesquinhez de nossa vontade de viver ou de nossa submissão à ordem, a qualquer ordem: “a estupidez e a baixaza são sempre as de nosso tempo, as de nossos contemporâneos, nossa estupidez e nossa baixaza”. (LARROSA, 2014, p. 133-134).

A postura mais comum é apartar-se do pensamento estúpido, ignorá-lo. No entanto, Larrosa nos alerta que mais do que afastá-lo ou refugiar-se em algum “quadro de pensamento”, devemos enfrentar a estupidez. Enfrentar a estupidez percebendo que estamos nos enfrentando. Então, o autor coloca o código da mídia como uma das formas de estupidez que está “completamente incorporada a nossa estúpida cotidianidade e a nossos estúpidos hábitos de vida” (LARROSA, 2014, p. 137).

Mas houve também outros agentes perpetuadores dos estereótipos. Conforme destacado por Lilia Moritz Schwarcz (apud SODRÉ, 2010)⁵, muitos “médicos, juristas, literatos e naturalistas, ou seja, um corpo intelectual de prestígio social, fundamentado na ideia de credibilidade científica”, fez questão de consumir “uma literatura justificadora dos seus interesses”, interesses estes alimentados pela noção de nacionalidade e progresso.

3 Outro verso da música de Noel Rosa intitulado “Com que roupa?”.

4 A obra em questão, citada em Larrosa (2014) foi DELEUZE, G. Nietzsche y la filosofía. Barcelona: Anagrama, 1971, p. 146-156.

5 A obra citada é intitulada O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930), São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Por isso,

Negros, africanos, trabalhadores, escravos e ex-escravos – ‘classes perigosas’ a partir de então – nas palavras de Silvio Romero transformavam-se em ‘objetos de ciencia’ (prefácio a Rodrigues, 1993/88). Era a partir da ciência que se reconheciam as diferenças e se determinavam inferioridades. (SCHWARCZ, 1993, p. 28 apud SODRÉ, 2010, p. 49).

A imagem construída para os negros foi um processo que começou há muito. Serrano e Waldman (2010) ao abordarem a percepção que os europeus tinham da África, chamam atenção para a postura preconceituosa da Europa em relação a qualquer outro continente que não estivesse por lá, de modo que o outro foi “demonizado”. Reconhecem, entretanto, que o continente Africano foi o mais desqualificado, com a disseminação de “fabulações” que ganharam consistência no imaginário dos povos com o passar do tempo.

Essa demonização se estendeu à imagem do negro, como bem salienta Sodré (2010), e reforçada pelos jornais impressos baianos.

Schwarcz (1998) reitera a informação, ressaltando que, no Brasil, ocorreu uma “releitura particular” das teorias raciais (pautadas na biologia, com “comprovações científicas” de desigualdades fenotípicas e cerebrais). Aqui, a mestiçagem não foi tida como degenerativa, como em outros países. A miscigenação foi uma busca pelo branqueamento da população, por meio da imigração. A libertação “decretada” dos negros visou evitar conflitos e “distinções legais baseadas na raça”. Adotou-se a política diferente das outras nações, buscando a eliminação de documentos e um início “do zero”, com o apagamento do passado.

Em um país onde o modelo branco escapava ao perfil anglo-saxônico, uma vez que já era em si miscigenado, as cores tenderam, de fato, a variar de forma comparativa. Quanto mais branco melhor, quanto mais claro superior, eis aí uma máxima difundida, que vê no branco não só uma cor mas também uma qualidade social: aquele que sabe ler, que é mais educado e que ocupa uma posição social mais elevada. Nesse contexto, em que o conflito passa para o terreno do não-dito, fica cada vez mais difícil ver no tema um problema [...] (SCHWARCZ, 1998, p. 186-187).

A partir dessa construção histórica, podemos passar à análise dos produtos da empresa.

3 I “SEU JOGO É SUJO E EU NÃO ME ENCAIXO”⁶

Devemos compreender que a questão da identidade negra é composta por uma diversidade de contextos e que, por assim se apresentar, esta não deve ser pensada, tão pouco compreendida de forma estanque, isolada. Vários fatores foram essenciais para a edificação de uma identidade/personalidade coletiva, tais como: os fatores históricos, linguísticos e psicológicos. Tais fatores demandam em nós a convivência com diferentes

⁶ Verso da música do grupo Racionais Mcs, intitulada “Negro drama”.

manifestações subjetivas propondo um diálogo com a violência que atravessou a história dos povos africanos (e que ainda atravessa) que foram escravizados no Brasil: a desumanização e a negação de suas culturas.

Vale ressaltar que por vezes há uma confusão entre identidade objetiva, aquela apresentada através de um conjunto de características linguísticas, culturais e muitas outras descritas por vários teóricos, e identidade subjetiva, compreendida como a forma que cada grupo específico se define ou é definido por grupos vizinhos.

Tomando consciência de quem somos “nós” e de quem são os “outros”, iniciamos a análise dos textos atentando para o uso das palavras e expressões que se constituem em exemplos de atribuição de uma identidade através de atos de criação linguística na tentativa de imprimir um modelo de estética negra de valor fraco, nulo, dicotômico, alienado e excludente.

Para melhor entendimento, gostaríamos de trazer os textos na frente e no verso de dois produtos para cabelos: um creme para pentear Creoula e uma máscara hidratante dream cream.

O primeiro produto apresenta o seguinte texto definidor “Creme calmante para cachos indomáveis”. Este está disposto numa caixa azul em letras brancas e na frente do produto. Por texto definidor entenda-se aquele em destaque para a primeira leitura junto à marca *Creoula*. Também na frente, porém em letras brancas, num fundo vermelho do frasco, um texto maior que pode ser acessado pelo consumidor que procura uma especificação maior. Diz o texto:

Se os seus amigos dizem que você anda muito nervoso, temos a solução: Creme calmante para **cachos indomáveis!** Uma pequena quantidade é suficiente para **trazer de volta a calma perdida** nas noites sem dormir (para não bagunçar o cabelo), nos dias se escondendo do vento (para não tirar os cachos do lugar) e no trabalhão que dava pra organizar sua (ex)enorme coleção de **prendedores**. Relax, take it easy! [**grifo nosso**].

Vale a pena destacar o fundo com as letras em um branco mais acinzentado e o mesmo fundo vermelho do frasco. Do texto, destacamos o início:

creme calmante para cachos indomáveis

O que faz: Define e **doma (sem chicote)** cachos de cabelos **muito crespos** ou **étnicos** que possuem muito volume e frizz. Garante dias ao vento sem preocupação e o cabelo dos seus sonhos sem você nem precisar dormir! Quem: Obrigatório para toda cacheada, natural ou não, que queira suas molinhas definidas, sem frizz e maravilhosas. Contém uma boa dose de atitude na composição. Quando: Após o uso do Shampoo e Condicionador (ou Máscara) Creoula. Como: Aplicar uma pequena quantidade nos cabelos úmidos da nuca para a frente, raiz às pontas. Secar naturalmente ou com difusor. Finalize com a linha de styling Creoula para a perfeita definição dos cachos.

As demais instruções são padrão. O recorte foi feito, pois, considerando o que era fundamental para a análise.

O segundo produto *dream cream* possui, na frente, letras brancas com tamanho visível, em que se lê o seguinte texto:

Máscara super hidratante para cabelos com grandes problemas (e para aqueles que não querem ter problemas). Lola criou Dream Cream para cabelos secos e **rebeldes** que precisam de calma, mas não se inquiete se você tem cabelos lisos e **comportados**. Você também poder usar e abusar para manter a sua bela cabeleira [sic] [**grifo nosso**].

No exemplo do creme para pentear Creoula as palavras e expressões “**creme calmante para cachos indomáveis, trazer de volta a calma perdida, prendedores, doma (sem chicote) muito crespos ou étnicos**” e no exemplo da máscara hidratante Dream Cream “**rebeldes e comportados**” surgem com um lugar já definido colocando o sujeito consumidor numa posição estereotipada que tem suas memórias coletivas ativadas pelo estabelecimento de conexões importantes entre o passado e a contemporaneidade. Isso ocorre, sobretudo, ao associar questões étnicas do contexto social e histórico do nosso país à forte ideologia de que negros são seres inferiores e que só podem ser reconhecidos à medida que assimilam valores dos brancos. Essas palavras reforçam estereótipos do passado sem considerar as transformações sofridas pela sociedade concomitante a representação do negro na contemporaneidade.

Podemos ainda observar, mesmo sem a intenção de maiores aprofundamentos, uma possível tentativa de manipulação da consciência identitária por uma ideologia dominante quando considera a busca da identidade como um desejo separatista (a indústria de cosméticos para cabelos étnicos, por exemplo). Dessa forma, a manipulação aqui se mostra disfarçada com “véu democrático” e pode ser direcionada para um processo de folclorização emoldurado e sem ambição de representação política.

Através dela é possível identificar o negro como sujeito consumidor, ou seja, saindo da trivialidade que o apresenta como “coitado”, “carente” para ser retratado como agente que constroi a sociedade e também é responsável por todos os seus acontecimentos. Portanto, a dicotomia está presente quando o estereótipo insiste em subsistir concomitante a outras representações que concebem o negro como consumidor e agente transformador da sociedade.

O texto do site reforça, ainda, embora a estratégia linguístico-discursiva seja adotar “bom humor” e a linguagem de conversação, as dicotomias quando coloca a questão ser feliz/ não ser feliz.

Lola

PRAZER, NÓS SOMOS A LOLA!

A Lola surgiu a partir de uma escolha: a de ser feliz. Levar a vida com bom humor, ainda que nada pareça dar certo, nem mesmo seu cabelo! O importante

é buscar um sorriso e momentos de descontração nos detalhes mais simples do dia-a-dia... É exatamente isso que a Lola traz pra você! Saber rir de si mesma e seguir em frente. Um modo Lola de encarar a vida. Tudo é uma questão de escolha: ser feliz ou não ser. Nós fazemos a nossa parte, levando até você essa nova marca repleta de sensações e cuidados especiais, cores vibrantes, textos motivadores e bem-humorados, provocando um sentimento inovador e único. Agora você pode optar:

Escolha Lola. Escolha ser feliz.

Fonte: http://www.lola.ind.br/?page_id=7 , acesso em 25 jul. 2015.

As imagens acabam dialogando com dois traços fundamentais da sociologia brasileira percebidos por Ramos (1957) que são a alienação e a inautenticidade. Por isso, ao observarmos o modo como as questões raciais são tratadas no pensamento desse sociólogo, a autenticidade é a exigência primordial para aquilo que o autor denomina de “rebelião estética” ou “passo preliminar da rebelião total dos povos de cor para se tornarem sujeitos de seu próprio destino” e isso, como o autor escreveu, não se trata de um racismo às avessas, como é possível identificar no parágrafo abaixo:

Trata-se de que, até hoje, o negro tem sido mero objeto de versões de cuja elaboração não participa. Em todas estas versões se reflete a perspectiva de que se exclui o negro como sujeito autêntico. Autenticidade – é a palavra que por fim deve ser escrita. Autenticidade para o negro significa idoneidade consigo próprio, adesão e lealdade ao repertório de suas contingências existenciais, imediatas e específicas. E na medida em que ele se exprime de modo autêntico, as versões oficiais a seu respeito se desmascaram e se revelam nos seus intuítos mistificadores, deliberados, equivocados. O negro, na versão de seus “amigos profissionais” e dos que, mesmo de boa fé, o veem de fora, é uma coisa. Outra é – o negro desde dentro (RAMOS, 1957, p. 198-199).

Nessa perspectiva, os textos com os quais dialogamos até aqui têm em comum a perseguição ao ideal de olhar o negro desde dentro desmascarando as criações linguísticas de certas publicidades que insistem em mostrar os descendentes dos povos africanos no Brasil como reminiscências ao invés de mostrar a beleza da sua exuberante reexistência. Ao representar elementos da identidade negra de modo inferior, nesse caso, o cabelo, ou ainda subordiná-lo automaticamente aos seus possíveis efeitos de sentido, nega-se a autorização para protagonizar o seu próprio destino participando da sociedade a partir da afirmação dos seus valores identitários e civilizatórios.

Sobrevivendo à custa de eufemismos, através de mecanismos sutis de linguagem, a nossa sociedade segue amortecida, ora acreditando que negros são devidamente representados no contexto midiático ou que são constantemente excluídos.

Eis a recorrência na manutenção da estereotipia.

4 I “CABELO VEM LÁ DE DENTRO”⁷

Retomando Duschatzky e Skliar (2001), podemos considerar que as versões do outro, os negros, continuam perdurando no imaginário da sociedade contemporânea. As dicotomias estabelecidas na propaganda em questão reforçam o entendimento da alteridade como fonte de todo mal – as situações de discriminação em voga na contemporaneidade se proliferam a cada dia. A folclorização das propagandas mostra a convicção de que ainda há lugar para enxergar os negros como sujeitos de uma marca cultural apenas, sem que haja transformações, mesclas, disputas nesses processos identitários. E, por fim, ainda há uma predisposição em olhar os negros como o outro a tolerar, com alguma indiferença e não sem incômodo com a manifestação de autenticidade que podem alcançar.

Ainda há muito o que fazer para entender “o negro desde dentro”. Há muito o que fazer para desconstruir uma constituição histórica que está no inconsciente e consciente coletivo da sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

DUSCHATZKY, Sílvia e SKLIAR, Carlos. “O nome dos outros. Narrando a alteridade na cultura e na educação”. In: LARROSA, Jorge e SKLIAR, Carlos (Orgs.). **Habitantes de Babel**: políticas e poéticas da diferença. Trad. Semíramis Gorini da Veja. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 119-138.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e Educação depois da Babel**. 2ed. Trad. Cynthia Farina. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Trad. João Wanderley Geraldi. Revista Brasileira de Educação, número 19, jan./fev./mar./abr., 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf> Acesso em 23 jul. 2015.

RAMOS, A. Guerreiro. O negro desde dentro. In: RAMOS, A. Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. p. 241-248.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. SCHWARCZ, Lília Moritz (Org.). **História da vida privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. Volume 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SERRANO, Carlos e WALDMAN, Maurício. **Memória D’África**: a temática africana em sala de aula. 3ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. Monstros, ciborgues e clones: os *fantasmas da Pedagogia Crítica*. COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000, p. 11-21.

SODRÉ, Jaime. **Da diabolização à divinização**: a criação do senso comum. Salvador: EDUFBA, 2010.

⁷ Outro verso da música intitulada “Cabelo”, composta por Arnaldo Antunes.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 36, 60, 62, 63, 68, 75, 102

Alternativas 12, 19, 83, 84, 87, 90, 153, 186

Alunos Indígenas 12, 69

Aprendizagem 9, 10, 11, 49, 50, 55, 58, 76, 85, 87, 88, 94, 127, 128, 130, 132, 133, 137, 139, 140, 141, 142, 150, 190

Aquecimento global 182, 186, 190

Avaliação 10, 12, 73, 112, 113, 114, 118, 123, 124, 125, 126, 135, 156, 160, 191

B

Branquitude 9, 11, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58

C

Conhecimento 9, 12, 6, 10, 21, 23, 35, 39, 44, 71, 73, 74, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 116, 125, 133, 138, 141, 158

Contos 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 176, 177

D

Democracia 38, 39, 43, 46, 47, 52, 83, 88, 140, 142, 147, 148, 156

Desafio 9, 12, 80, 83, 85, 93, 94, 99, 131, 137, 155, 173

Desempenho acadêmico 12, 112, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 125, 126

Discriminação 9, 12, 11, 20, 27, 29, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 47, 68, 73, 83, 87, 88, 107, 142

E

Educação 2, 9, 10, 11, 13, 1, 2, 6, 13, 15, 16, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 55, 58, 59, 62, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 137, 138, 139, 142, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 175, 182, 183, 186, 187, 190, 191

Educação Diferenciada 69, 76

Educação em Saúde 10, 13, 127, 128, 129, 130, 132, 133

Escolarização 9, 11, 12, 22, 26, 27, 28, 30, 34, 35, 69, 71, 76, 79, 80

Espaço 10, 12, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 34, 42, 43, 44, 46, 47, 61, 62, 72, 74, 77, 79, 83, 84, 86, 87, 89, 90, 96, 102, 105, 115, 127, 128, 138, 158, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 186, 188, 189

Estereótipo 54, 59, 66

Ética 9, 12, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 127, 129, 130, 137, 187

Etnografia Escolar 69, 70

Evasão 12, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 154, 155

F

Feminicídio 9, 11, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13

Feminilidade 9, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 24

G

Gênero 9, 2, 5, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 51, 58, 83, 84, 86, 87, 90, 104, 109, 118, 119, 122, 167

H

História 9, 5, 6, 14, 16, 17, 24, 25, 26, 27, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 65, 68, 72, 73, 75, 76, 80, 85, 87, 88, 89, 91, 97, 98, 102, 106, 127, 131, 164, 173, 175

L

Lei nº 10.639/2003 38, 39, 40, 41, 42, 46, 47, 48

Linguagem 59, 60, 61, 66, 67, 68, 71, 75, 76, 78, 129

Literatura Brasileira 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 177

M

Magistério feminino 15, 20, 21, 25

Memórias 26, 35, 36, 66

Metodologias Ativas 10, 127, 128, 133, 134

Mídias Educativas 10, 13, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 151

Movimento Negro 9, 11, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

Mulheres 9, 11, 12, 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 52, 75, 83, 84, 86, 87, 91, 102, 103, 122, 150

Mulheres Negras 9, 11, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 36

N

Negro 9, 11, 18, 27, 30, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 54, 59, 64, 66, 67, 68, 118, 119, 120, 121, 122

O

O Outro 16, 51, 60, 62, 64, 68, 71, 102, 103, 105, 106, 107, 109, 110, 147

P

Pandemia COVID-19 182

Poder Legislativo 10, 154, 156, 159, 160, 161

Política de Cotas 40, 112, 113, 114, 123, 124, 125, 126

Políticas Públicas 10, 13, 38, 40, 47, 76, 78, 79, 84, 96, 100, 105, 112, 114, 125, 130, 154, 156, 157, 159, 160, 190

Princípios da Economia Solidária 10, 13, 135, 137, 140, 141, 143, 144, 145, 151

Problematização 10, 13, 93, 109, 127, 128, 129, 130, 132

Propaganda 59, 68

Psicanálise 15, 17, 18, 24, 25

R

Relações Dialógicas 102

Relações Étnico-Raciais 38, 39, 46, 47, 48

Representação 49, 50, 57, 58, 63, 66, 89, 129, 162, 163, 165, 178

Representação Espacial 162, 163

Representações 10, 13, 15, 17, 21, 22, 23, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 61, 62, 63, 66, 73, 76, 89, 92, 162, 163, 164, 167, 171, 177, 186, 190

S

São Miguel do Oeste/SC 1, 2

Sociedade 9, 11, 12, 6, 7, 8, 13, 18, 23, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 66, 67, 68, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 109, 151, 152, 153, 156, 157, 180, 183

T

Timor-Leste 127, 128, 129, 130, 132


V

Violência 9, 11, 12, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 27, 37, 65, 83, 84, 86, 87, 89, 91, 107, 110, 157

Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR


Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
@atenaeditora 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

TERRA
INDÍGENA
CADÊ PINDORAMA?
ROUBARAM SEU CHÃO,
EXPULSARAM OS PARENTES, FALTA O PÃO,
RASGARAM A TERRA, QUEIMARAM A MATA,
DO INVASOR A LEI DA CHIBATA,
O AMARELO FOI EMBORA,
LEVADO EM NAVIOS,
DA MADEIRA BRASEADA
FICOU SÓ O BRASIL,
O VERMELHO É DE
SANGUE,
DO CORPO
QUE MANCHA
O MANGUE



2



Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR


Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

TERRA
INDÍGENA
CADÊ PINDORAMA?
ROUBARAM SEU CHÃO,
EXPULSARAM OS PARENTES, FALTA O PÃO,
RASGARAM A TERRA, QUEIMARAM A MATA,
DO INVASOR A LEI DA CHIBATA,
O AMARELO FOI EMBORA,
LEVADO EM NAVIOS,
DA MADEIRA BRASEADA
FICOU SÓ O BRASIL,
O VERMELHO É DE
SANGUE,
DO CORPO
QUE MANCHA
O MANGUE

2

